

ESTADOS UNIDOS

Presidente democrata e adversário republicano conversaram ao telefone, depois de tentativa de assassinato do magnata. Especialistas avaliam impacto nas campanhas eleitorais

Trump e Biden reforçam apelo à união

» RODRIGO CRAVEIRO

A Convenção Nacional Republicana começa hoje, em Milwaukee (Wisconsin), à sombra do atentado contra Donald Trump. Antes de embarcar rumo ao principal evento do Partido Republicano, que deve confirmar sua candidatura, o ex-presidente creditou a "Deus" o fato de estar vivo e repetiu o discurso da véspera, feito pelo democrata Joe Biden, sobre a necessidade de união nos Estados Unidos. "Deus impediu o impensável de acontecer", escreveu Trump em sua rede social Truth Social, na manhã de ontem. "Neste momento, é mais importante que nunca que permaneçamos unidos e mostremos o nosso verdadeiro caráter como americanos, permanecendo fortes e determinados, para não permitir que o mal vença."

Biden tornou a falar em "união" neste domingo, ao confirmar que teve uma conversa "breve, mas boa" com Trump depois do incidente. "Devemos unir como nação para mostrar quem somos", declarou, em uma aparente trégua na campanha presidencial marcada por forte polarização. As 21 de ontem (hora de Brasília), ele fez um pronunciamento à nação em que pediu para "baixar a temperatura" na política. "Não devemos descer por essa estrada", afirmou, em alusão à violência. Biden disse esperar que as eleições serão "um período de teste". Especialistas consultados pelo **Correio** avaliam que o ataque a tiros deve reforçar a campanha de Trump e impingir-lhe a imagem de político quase destrutível.

Professora de relações internacionais da ESPM-SP, Denilde Holzacker avalia que o episódio dará ainda mais força para

o discurso de Trump de que ele irá reconstruir a sociedade dos EUA. "Trump usará a lógica de que é um herói, que superou uma crise e conseguiu sobreviver a um atentado. Isso tornará sua retórica ainda mais messiânica, mas é preciso esperar a investigação para saber o perfil do atirador", disse. "O atentado vai fragilizar a campanha de Biden e aumentará a pressão sobre o pré-candidato democrata. Trump culpará o discurso democrata, a tentativa de demonizá-lo como um todo"

A estudiosa acredita que o Partido Republicano aproveitará a Convenção Republicana para relacionar os democratas ao atentado. "Os republicanos enfatizarão que o modo como os democratas associam uma possível vitória de Trump a um risco à democracia e à sociedade americana criou uma percepção de temor. Eles dirão que isso levou à violência perpetrada pelo atirador. Será uma maneira de culpar a narrativa e a retórica de Biden", explicou Holzacker. "O atentado de sábado funcionará quase que como um passe livre para Donald Trump. Todos os temores por conta dos processos na Justiça e da condenação ficam em segundo plano. Ele sairá como alguém que superou um momento de grande crise, com vitalidade, o que representaria um enorme contraste com Biden", acrescentou.

Denilde entende que o atentado lança a campanha de Biden em uma grande crise. "O democrata não tem mais possibilidade de embate direto com Trump. Ele terá que trazer o

debate sobre a necessidade de uma maior proibição de acesso às armas", observou Holzacker. Segundo ela, o desafio de Biden será o de de contrapor a Trump, mas sem atacá-lo diretamente. "A questão da segurança deverá ser colocada em xeque. O erro no evento em Butler cai na conta do governo. Será preciso identificar as falhas que possibilitaram a ação do atirador."

Divisão

Para Barbara McQuade, professora de direito e ex-procuradora federal chefe para o Distrito Leste de Michigan, a preocupação é com a violência política. "Tenho esperança de que os americanos aproveitem este momento para renovar o nosso compromisso com um processo eleitoral pacífico. Precisamos que os nossos líderes apelem à unidade em vez da divisão", afirmou, por e-mail, horas antes de Biden e Trump tomarem essa iniciativa.

John C. Coffee, professor de direito da Universidade Columbia (em Nova York), admitiu que o atentado de sábado deve aumentar a chance de eleição de Trump. "Se outras pessoas estivessem envolvidas no ataque, isso provocaria teorias da conspiração que se arrastariam por anos. E poderia ser usado por Trump e seus aliados para apoiar uma restrição das liberdades civis nos EUA", afirmou.

Cientista político da Universidade de Iowa, Timothy Hague concorda com Coffee sobre os efeitos na campanha de Trump. "Não acho que Trump encarnará a vítima. Ele fará como fez

Erin Schaff/AFP



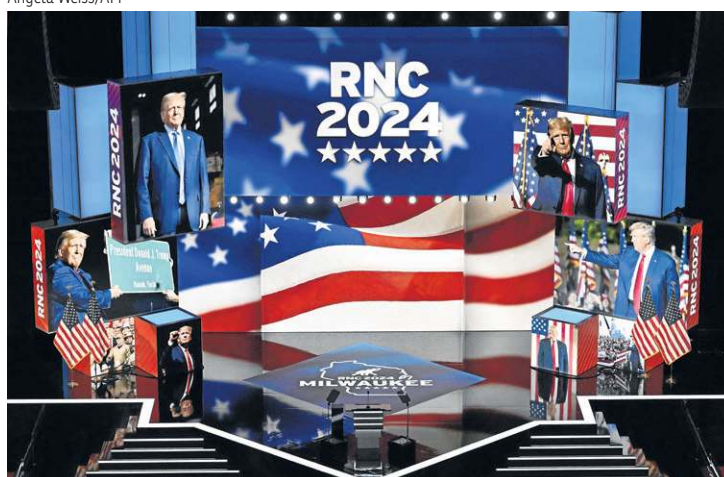
Em pronunciamento à nação, na noite de ontem, Joe Biden pediu pela diminuição da temperatura política

Rebecca Droke/AFP



Com sangue no rosto, Trump cerra os punhos e agita os eleitores

Angela Weiss/AFP



Local da Convenção Republicana, em Milwaukee: segurança máxima

depois do atentado, ao cerrar os punhos e gritar à multidão: 'Lutem!'. Manter a campanha e não se curvar ante um ato contra a sua vida mostaria coragem. Isso seria visto como uma comparação gritante com Biden", previu.

Hague aposta que o atentado impulsionará Trump nas pesquisas. "Em termos práticos,

creio que a segurança será reforçada nas campanhas republicana e democrata. O Serviço Secreto provavelmente aconselhará Trump a limitar a campanha em alguns aspectos, possivelmente a não fazer comícios ao ar livre. Meu palpite é que Trump rejeitaria isso, pelo menos até certo ponto."

113

Número de dias restantes para as eleições presidenciais dos Estados Unidos.

Eu acho...

"A longo prazo, será preciso ver a motivação e as tentativas de desviar o foco. Isso pode gerar uma mobilização maior dentro do Partido Republicano para a campanha, mas também temores no lado democrata, capazes de desestimular eleitores."



Francisco Emulo

Denilde Holzacker, professora de relações internacionais da ESPM-SP

"Trump e seus simpatizantes acreditavam, antes mesmo do atentado, que o 'sistema' está disposto a apanhá-los a todo o custo. A tentativa de assassinato irá encorajar essa crença. Isso motivará seus eleitores a saírem para votar e a se voluntariar na campanha. As percepções do crime e do caos sempre ajudam o candidato e o partido da 'lei e da ordem'."



Arquivo pessoal

Eric Heberlig, professor do Departamento de Ciência Política da Universidade da Carolina do Norte em Charlotte

Uma longa história de atentados contra presidentes e candidatos nos EUA

Serviço Secreto dos EUA



RONALD REAGAN
30 de março 1981

O presidente republicano Reagan foi baleado e gravemente ferido ao sair de um evento no hotel Hilton, em Washington. O agressor foi John Hinckley Jr., que recebeu libertação incondicional em 2022. Reagan passou 12 dias no hospital. O incidente aumentou a popularidade de Reagan, pois ele demonstrou humor e resiliência durante sua recuperação.

GERALD FORD
1975

O presidente Ford saiu ileso de duas tentativas de assassinato separadas por mulheres em setembro de 1975, ambas na Califórnia e em um intervalo de apenas 17 dias.

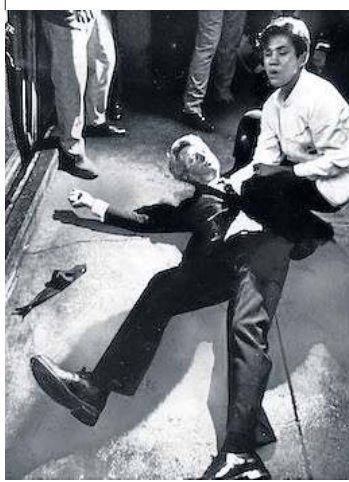
GEORGE WALLACE
15 de maio de 1972

Enquanto fazia campanha pela indicação presidencial democrata, Wallace foi baleado quatro vezes e paralisado para o resto da vida em um shopping em Laurel, Maryland.

A tentativa de assassinato de Wallace, que era conhecido por suas opiniões segregacionistas e apelo populista, destacou as tensões políticas contínuas nos EUA e o potencial para violência doméstica na era da Guerra do Vietnã.

ROBERT F. KENNEDY
5 de junho de 1968

O irmão do presidente John F. Kennedy, Robert, que estava concorrendo à indicação presidencial democrata, foi baleado e morto no hotel Ambassador em Los Angeles, Califórnia. O assassinato teve um impacto profundo na corrida presidencial de 1968 e ocorreu apenas dois meses após o assassinato do líder dos direitos civis Martin Luther King Jr., adicionando à turbulência política do final dos anos 1960.



Wikipedia/Reprodução

Walt Cisco, Dallas Morning News



JOHN F. KENNEDY
22 de novembro de 1963

O presidente Kennedy estava em sua comitiva, acompanhado da esposa, Jackie, quando foi assassinado a tiros, em Dallas, Texas, por Lee Harvey Oswald. A Comissão Warren, que investigou o assassinato, concluiu em 1964 que Oswald, um ex-fuzileiro naval que havia vivido na União Soviética, agiu sozinho. Muitos americanos acreditam que a morte de JFK iniciou um período mais violento na política e na sociedade americana, com a escalada da Guerra do Vietnã e a luta pelos direitos civis como pano de fundo.

FRANKLIN D. ROOSEVELT
15 de fevereiro de 1933

Como presidente eleito, Franklin Delano Roosevelt foi alvo de uma tentativa de assassinato em Miami, Flórida. Ele saiu ileso, mas o prefeito de Chicago, Anton Cermak, foi morto no ataque.



Milwaukee Journal Sentinel

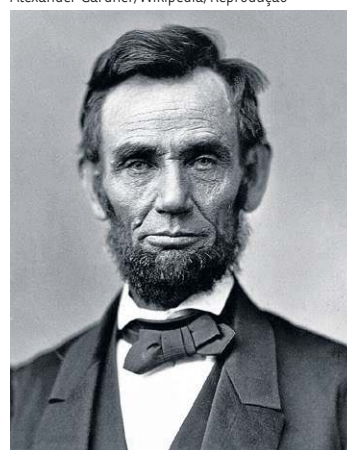
THEODORE ROOSEVELT
14 de outubro de 1912

Assim como Trump, Teddy Roosevelt estava concorrendo à Casa Branca como ex-presidente quando foi baleado em Milwaukee, Wisconsin. A bala, que permaneceu alojada em seu peito pelo resto de sua vida, foi desacelerada pelas 50 páginas dobradas de seu discurso e o estojo de óculos de aço em seu bolso do peito.

WILLIAM MCKINLEY
14 de setembro de 1901

O presidente McKinley foi baleado e morto pelo anarquista Leon Czolgosz em Buffalo, Nova York.

Alexander Gardner/Wikipedia/Reprodução



ABRAHAM LINCOLN
15 de abril de 1865

Lincoln foi assassinado por John Wilkes Booth, um ator conhecido e simpatizante confederado, enquanto assistia a uma peça chamada *Our American Cousin*, no Ford's Theater, em Washington. O ataque de Booth, apenas dias após a rendição confederada na Guerra Civil, fazia parte de um plano maior que incluía tentativas de assassinar o vice-presidente Andrew Johnson e o secretário de Estado William Seward.

"O atentado vai reforçar Trump, fortalecer sua candidatura e tornar o republicano uma 'vítima'. Trump usará o atentado contra os democratas e fará avançar sua nomeação para a Presidência dos Estados Unidos."



Arquivo pessoal

James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island)

"O atentado, provavelmente, minará as chances de vitória de Biden. A tentativa de assassinato de Trump fará com que os simpatizantes do republicano o apoiem ainda mais fortemente, mas também tenderá a fazer com que alguns eleitores que estão em cima do muro se inclinem na direção do magnata."



Tim Hagle, professor de ciência política da Universidade de Iowa